

POSFÁCIO

Futebol, gênero e resistência: apontamentos desde Brasil e Uruguai

Mariane da Silva Pisani

Universidade Federal do Piauí, Brasil

Entre os dias 12 e 14 de outubro de 2024, realizou-se na Universidad de la República (Udelar), em Montevidéu, Uruguai, o *I Coloquio Internacional Ciencias Sociales y Fútbol*, que tinha como objetivo consolidar uma rede latino-americana de pesquisadoras e pesquisadores comprometidos com abordagens críticas e situadas sobre o futebol. Foi nesse contexto que se realizou a mesa-redonda *¿Cómo estudiar temas de género en el fútbol?*, que dá origem aos textos apresentados e escritos por Caroline Soares de Almeida (UFPE) e por María Pía Echenique Marrero e Martina Pastorino Barcia (Udelar).

Ambos os textos abordam a presença das mulheres no futebol — no Brasil e no Uruguai — mostrando como esta modalidade configura um campo de disputa simbólica e material, com as atletas enfrentando os silêncios impostos por uma longa história de exclusões, desigualdades e apagamentos. Ainda que se inscrevam em contextos nacionais distintos, as autoras partem de um mesmo ponto: o futebol tem operado como um dos mais potentes dispositivos de reprodução da ordem sexista na América Latina.

No capítulo “*Mulheres e futebol no Brasil: invisibilidades e resistências históricas*”, Caroline Soares de Almeida realiza um exercício de reconstrução da história do futebol de mulheres no Brasil, resgatando trajetórias esquecidas ou deliberadamente apagadas pela historiografia esportiva. Por meio das figuras de Cléo de Galsan, Carlota Rezende e Maria do Carmo Nóbrega, a autora revela como o futebol feminino brasileiro foi atravessado por censuras, moralismos e perseguições; mas também por práticas de resistência e estratégias de visibilidade. A autora ancora-se na noção de “gênero da bola” (Pisani, 2018), evidenciando como, mesmo em contextos de repressão, as mulheres brasileiras encontraram formas de disputar os sentidos do futebol e de afirmar sua legitimidade nos campos e nas arquibancadas.

Já no texto “*Picaditos etnográficos para reflexionar: disputas y conciliaciones en el fútbol femenino en Uruguay*”, María Pía Echenique Marrero e Martina Pastorino Barcia partem da experiência extensionista, desenvolvida junto ao projeto Picaditos Etnográficos, para refletir sobre o lugar do futebol feminino no Uruguai contemporâneo. O capítulo possui formato ensaístico e performativo, incorporando elementos de pesquisa participante, etnografia colaborativa e intervenção pedagógica. As autoras denunciam a persistência de estruturas profundamente hierárquicas no futebol uruguaio — regido por lógicas masculinas e elitistas — e indagam sobre a forma como o futebol tem sido utilizado para narrar uma identidade nacional excludente, centrada em mitos heroicos e viris. O futebol feminino aparece como potência crítica, afinal, ao entrar em campo, as

mulheres uruguaiaias não apenas reivindicam seu direito ao jogo, mas questionam os próprios fundamentos sobre os quais o futebol — e a nação — tem sido construído.

Pretendo, nesta apresentação, estabelecer algumas conexões entre os textos reunidos neste livro e minha experiência etnográfica junto ao coletivo *La Nuestra Fútbol Feminista*, na Argentina, vivida entre abril de 2024 e março de 2025. Ainda que situados em contextos distintos e mobilizando diferentes estratégias — reconstrução historiográfica, intervenção pedagógica e descrição etnográfica —, os capítulos de Caroline Soares de Almeida, María Pía Echenique Marrero e Martina Pastorino Barcia compartilham com a minha própria experiência etnográfica um mesmo horizonte político: o reconhecimento do futebol como campo de disputa simbólica, material e territorial, no qual mulheres e dissidências de gênero constroem formas de resistência frente às exclusões históricas que marcam o universo esportivo na América Latina.

No dia 21 de agosto, na Argentina, comemora-se o Dia Nacional da Futebolista. A data é um convite para celebrar e para resgatar a memória sobre uma partida disputada em 1971, na Copa do Mundo Feminina – campeonato não oficial da Fifa. Nesse dia, as argentinas golearam as inglesas por 4×1, e, ao final da competição, chegaram ao quarto lugar. Essa data, mais do que resgatar a memória de um momento histórico, nos convida a refletir sobre o que significa ser jogadora de futebol em um mundo onde o futebol ainda é marcado por desigualdades de gênero. Mais do que um esporte, para nossas *hermanas argentinas*, o futebol tornou-se um espaço de resistência,

de luta por autonomia e de reconhecimento. Foi nesse contexto que, ao longo do ano de 2024, durante minhas vivências na Argentina, pude enxergar o futebol para além da competição, como uma prática feminista, coletiva e profundamente política.

O *La Nuestra Fútbol Feminista* nasceu no ano de 2006, na Villa 31, uma comunidade popular localizada na cidade de Buenos Aires, com o objetivo de criar um espaço de lazer para meninas e adolescentes do bairro. Em 2007, a treinadora Mónica Santino assumiu o comando do projeto, que começou com apenas oito jogadoras na Cancha Güemes, um espaço, historicamente, dominado por homens. Com o tempo, o número de participantes cresceu, e outras treinadoras, como Juliana Román Lozano, passaram a integrar a iniciativa. Hoje, *La Nuestra* já impactou mais de 400 mulheres e conta com uma equipe técnica formada por mais de dez profissionais. Mónica Santino compartilhou um pouco das experiências iniciais com *La Nuestra Fútbol Feminista*:

Acho que há algo que acontece nos bairros na Argentina que tem a ver, em primeiro lugar, com o espaço. As pessoas vivem em locais muito pequenos, muitas vezes em condições de superlotação, com oito ou dez pessoas dividindo um único cômodo. Nessa realidade, os espaços públicos por excelência são os campos de futebol, que permanecem intocados, pois, mesmo diante da necessidade urgente de moradia, ninguém vai construir uma casa no meio de um campo. Atualmente, Villa 31 tem cerca de 10 ou 12 campos de futebol espalhados por sua extensão. Isso mostra a importância do futebol para

nós. Portanto, pensar que um fenômeno cultural de tamanha relevância, como é o futebol, exclui mulheres e diversidades LGBTQ+ é extremamente problemático. Assim, o primeiro grande passo para o empoderamento que demos foi dizer: “Bem, este campo, neste horário, duas vezes por semana, será para as meninas”. E assim elas começaram a chegar. Ocupar esse espaço foi algo central para nós. A luta foi direta, sempre seguindo os códigos da Villa 31. Houve um momento em que, ao levantarmos os olhos, percebemos que éramos todas mulheres. Esse foi o marco fundacional do projeto. (Mónica Santino, 11 de fevereiro de 2025)

Ao longo de todo ano de 2024 e parte de 2025, acompanhei de perto os trabalhos desenvolvidos pelas integrantes do *La Nuestra Fútbol Feminista*. Pude vivenciar treinos e jogos, momentos de celebração — como, por exemplo, a comemoração dos 17 anos do projeto —, momentos de formação das atletas, lançamento de livros sobre futebol feminino na Cancha Güemes. A partir da convivência com elas, pude perceber que as integrantes do *La Nuestra* reafirmam, cotidianamente, o futebol feminista como uma postura política, um campo de disputa que não pode ser separado da luta por direitos humanos mais amplos. Assim, ao longo da prática esportiva, elas fomentam estratégias de resistência diante do atual cenário argentino; questionam as relações patriarcais com clubes e instituições esportivas — indagando se é possível dialogar com essas estruturas ou se o rompimento é a melhor saída; debatem a urgência de construir uma agenda coletiva feminista dentro do futebol;

estimulam o cuidado coletivo e as redes de apoio entre elas como parte fundamental da militância feminista, garantindo assim que nenhuma companheira fique pelo caminho.

Não podemos mais chamar de futebol feminino, nem de futebol de mulheres. Precisávamos reconhecer todas as outras identidades [de gênero e LGBT+] e nomear esse processo de transformação vivido pelas meninas da Villa 31 e por todas as pessoas que vêm jogar conosco. Sentimos que essa mudança era uma adequação ao tempo e, também, uma forma de dar nome ao nosso trabalho e conquistas. (Mónica Santino, 11 de fevereiro de 2025)¹

A mobilização em redes sociais também é uma estratégia adotada pelas integrantes do La Nuestra, apontada como ferramenta essencial de visibilidade e pressão contra as violências. Ao perguntar o que representava a ideia de um futebol feminista, Mónica respondeu:

O futebol sempre teve uma identidade masculina muito forte, protagonizado por homens. Logo, a ideia de que podemos jogá-lo, organizá-lo, dirigi-lo e conduzi-lo é fundamental. Podemos assumir todos os papéis possíveis dentro do futebol: a direção técnica, a gestão de um clube, a carreira de uma jogadora. Mas tudo isso com um olhar e uma construção própria. Mesmo que o caminho nos leve também a fazer do

¹ Agradeço, imensamente, à companheira Verónica Moreira que conduziu, junto comigo, a entrevista com Mónica Santino.

futebol um espetáculo, como acontece com os homens, partimos de outra concepção e construímos a partir de outro lugar. Agora nos atacam de todas as formas, nos tratam como se fôssemos uma seita. Em vez de dizer feminismo, falam em ideologia de gênero. Quando ouço uma companheira dizendo “ideologia de gênero”, penso: não! Esse é o discurso da extrema direita e do fundamentalismo evangélico. Somos feminismo, não somos ideologia de gênero. Chamar de futebol feminista representa toda essa transformação. Não é um capricho, não significa que vamos jogar sem camisa ou que todas vamos usar camisetas verdes². Nada disso. Trata-se de tomar um direito e torná-lo nosso. Quando dizemos futebol feminista, acho que é exatamente sobre isso que estamos falando. (Mónica Santino, 11 de fevereiro de 2025)

Mais do que um espaço de lazer, o futebol feminista, para essas mulheres, é um instrumento de transformação social e política, um lugar de resistência frente ao machismo, ao sexismo, às violências LGBTfóbicas e ao neoliberalismo que insistem em permear o universo do futebol.

O futebol feminista, como o praticado pelo *La Nuestra Fútbol Feminista*, transcende a esfera esportiva e firma-se como uma ferramenta política de resistência. Ele não apenas desafia a exclusão histórica das mulheres e pessoas LGBTQ+ dos gramados, mas também

2 Uma alusão aos lenços verdes, símbolo do movimento feminista argentino pela descriminalização do aborto.

propõe uma nova forma de viver e construir o esporte, baseada na solidariedade, na coletividade, na autonomia e na luta por direitos.

A experiência do *La Nuestra* na Villa 31 evidencia como a ocupação dos espaços públicos e a criação de redes de apoio podem transformar vidas, fortalecendo a ação feminista dentro do futebol. No atual cenário argentino, marcado por retrocessos e ataques às conquistas dos movimentos sociais, a mobilização dessas jogadoras torna-se ainda mais essencial. O que *La Nuestra* nos ensina é que o futebol feminista não é apenas sobre jogar — é sobre disputar territórios, afirmar existências e construir um futuro em que todas/todos/todes possam estar, resistir e jogar em igualdade.

Assim, ao articular os textos reunidos neste livro, com minha experiência etnográfica junto ao *La Nuestra Fútbol Feminista*, é possível reafirmar o futebol como uma prática profundamente política, que atravessa corpos, territórios e afetos. Embora distintos em formato, linguagem e metodologia, os textos de Caroline Soares de Almeida, María Pía Echenique Marrero e Martina Pastorino Barcia convergem em múltiplos pontos: ambos partem de uma crítica à historiografia oficial do futebol e seus respectivos países; ambos apostam na reconstrução de trajetórias invisibilizadas de jogadoras; ambos defendem que o futebol pode ser espaço de invenção política, formação crítica e produção de alteridade. Essa convergência não é casual, mas resultado de processos de pesquisa comprometidos com a transformação social e com a centralidade das experiências das mulheres e corpos dissidentes no campo futebolístico. Dessa forma, mais do que contribuir para o campo dos estudos esportivos, os textos são convites para pensar o futebol como local de luta.

Minha vivência com o coletivo *La Nuestra Fútbol Feminista*, em Buenos Aires, permite reconhecer na prática muitos dos elementos teóricos e políticos mobilizados pelos textos. A ocupação dos campos, a construção de redes de cuidado, os enfrentamentos cotidianos a instituições esportivas marcadas por lógicas patriarcais e elitistas, tudo isso se traduz em uma prática de resistência que transcende o futebol como mero jogo ou espetáculo. Assim como as autoras dos capítulos apresentados, pude testemunhar como o futebol pode tornar-se espaço de elaboração coletiva de sentidos, de fortalecimento de vínculos comunitários e de disputa por direitos em contextos de crise e retrocesso político.

Em tempos de avanço de projetos conservadores na América Latina, os estudos aqui apresentados — no Brasil, no Uruguai e na Argentina — não se limitam a contribuir para o campo acadêmico dos estudos esportivos, eles funcionam como ferramentas de intervenção e denúncia. Reafirmam que pensar gênero no futebol não é um detalhe, nem um tema periférico, mas um eixo central para compreender as disputas contemporâneas por reconhecimento, autonomia e justiça social. Que os textos de Caroline, María Pía e Martina inspirem pesquisadoras(es), militantes, atletas e docentes a seguirem construindo pontes entre campos que, historicamente, foram mantidos separados: futebol e mulheres. E que possamos seguir, desde diferentes localidades — geográficas, políticas, epistemológicas —, afirmando o futebol como um território legítimo de luta, memória e transformação.